

PREFÁCIO

Antropologia, transgressão e estilos de vida

GILBERTO VELHO*

ESTE LIVRO DE MARÍA ELVIRA DÍAZ-BENÍTEZ é uma nova e importante contribuição para o desenvolvimento dos estudos de uma área vasta e complexa que inclui, entre outros temas, as problemáticas de desvio, transgressão, gênero, sexualidade, arte, comunicação de massa, trabalho, estilos de vida e sociabilidade em geral.

Há cerca de 30 anos, começou a ser divulgada a produção sobre desvio do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, através do livro *Desvio e divergência*. Se, de um lado, despertou grande interesse, passando a exercer influência sobre várias linhas e grupos de pesquisa, por outro, foi atacada por alguns profissionais de certa nomeada que consideravam o estudo de “putas” e “veados” assunto impróprio para a antropologia. Esta, segundo eles, deveria se dedicar aos estudos de grupos indígenas e, na melhor das hipóteses, a populações rurais em contato com aqueles grupos. Muita água rolou debaixo da ponte e as pesquisas que partiam da problemática de desvio, vinculadas em boa parte ao interacionismo, especialmente às obras de Howard S. Becker e Erving Goffman, se multiplicaram pelos mais diversos centros de pesquisa e ensino.

Outros autores foram fundamentais para o resgate dessa política do cotidiano, como Michel Foucault. Assuntos como o uso de drogas, as acusações de desvio, as identidades sexuais e de gênero, as interações entre acusados e acusadores, doença mental, diferentes tipos de marginalização social foram sendo adicionados ao repertório de investigação que tinha se iniciado de um modo mais efetivo e ampliado a partir dos anos 70. Resgataram-se depois obras isoladas que, mesmo antes, dentro das ciências sociais brasileiras, de algum modo se preocuparam com o controle social exercido sobre indiví-

* Professor titular e decano do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ.

duos e grupos que fugiam ao que se supunha ser o conjunto de atitudes e comportamentos definidos como *normais*. É o caso da monografia “Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo”, de Barbosa da Silva, apresentada na Universidade de São Paulo (USP) em 1959.

Desde o seu mestrado, María Elvira tem lidado, de modo perspicaz e sensível, com a temática da sexualidade e do gênero. Conseguiu combinar, com rara competência, o seu saber e proficiência de pesquisadora com suas preocupações de defensora de direitos humanos e sociais. Sua pesquisa para o doutoramento foi extensa e intensa. Escolheu como objeto a produção do cinema pornográfico no Brasil. Percorreu bibliografias internacionais e nacionais. Consultou fontes tradicionais e eletrônicas. Sobretudo, estabeleceu contato e levou a cabo uma pesquisa em que, valendo-se de sua generosidade social, conseguiu estabelecer canais de comunicação que lhe permitiram pesquisar muito de perto temas estigmatizados e estigmatizantes.

Este *Nas redes do sexo* amplia, de modo brilhante, o campo de estudos da produção cinematográfica voltada para um mercado pouco conhecido, embora bastante marcado. A pesquisadora acompanha as carreiras e estilos de vida dos diferentes profissionais envolvidos nessa produção, desde as etapas iniciais até a finalização das obras. Principalmente, no seu trabalho de campo, observou, conversou e viveu ao lado de pessoas que trabalham, com maior ou menor regularidade, no cinema pornográfico. Foi capaz de reavaliar fronteiras e ter uma visão mais complexa sobre os diferentes papéis identificáveis nesse processo criativo.

Assim, *Nas redes do sexo* é uma importante contribuição que vai além do filme pornográfico por si só e das circunstâncias de sua produção. Contribui, de modo rico e denso, para uma compreensão da questão da sexualidade e do gênero na sociedade brasileira como um todo, com implicações que transcendem as nossas fronteiras.

Por sua sensibilidade, dados e análises, este livro atravessa limites disciplinares e é um precioso instrumento de trabalho não só para as ciências sociais mas, também, para diversas outras áreas de conhecimento, como a psicologia, o serviço social, a economia, a história, a comunicação social, entre outros.

INTRODUÇÃO

A CADA ANO, NOS ESTADOS UNIDOS, Hollywood produz cerca de 400 filmes, enquanto a indústria pornográfica põe no mercado entre 10 e 11 mil títulos. Os rendimentos obtidos com a pornografia no país – onde se incluem revistas, sites, televisão a cabo e brinquedos sexuais – são superiores aos gerados pelas indústrias do futebol, do basebol e do basquete juntas. É com essa impressionante estatística que a americana Linda Williams, especialista em estudos de cinema que tem se dedicado à análise do pornô, abre a sua coletânea *Porn Studies* e pergunta: quem estaria consumindo toda essa pornografia? Aparentemente todos nós, ela mesma responde.

No Brasil, a indústria pornográfica não é tão poderosa assim, mas movimenta um volume de capital suficiente para disseminar esse material pelo país por meio de vídeos, canais fechados de televisão, revistas e internet. Manchetes de jornais diários trazem notícias sobre lançamentos de filmes pornô, expondo fotografias de esbeltas mulheres seminuas. Bancas de jornal reservam várias prateleiras para magazines e vídeos cujas capas exibem corpos para diferentes gostos e preferências. Não é necessário visitar lojas especializadas para encontrar vídeos pornô, pois a grande maioria das locadoras os oferece, embora os mantenha em lugares “secretos”. Nas principais zonas comerciais das cidades, a pornografia ocupa um lugar proeminente, senão principal, no estoque dos camelôs. Assim, valeria a pena insistir na indagação proposta por Linda Williams: afinal de contas, quem está consumindo toda essa pornografia? Aparentemente todos nós? Mesmo de modo marginal, a pornografia faz parte de nosso cotidiano, daquilo que convençamos chamar de *cultura*.

Todo esse material “obsceno”, entendido como algo *off-scene*, ou que se deve manter *fora de cena*,¹ floresce em território público, ganhando protagonismo em nosso imaginário. Paralelamente, assistimos à exacerbação de diversas representações da sexualidade na esfera *on-scene*: escândalos sexuais capitaneados por personagens públicos da política, do esporte ou da televisão; reportagens sobre padres e pastores envolvidos em acusações

de assédio sexual; incursão de pessoas da mídia em filmes de sexo explícito; ou, simplesmente, a utilização do apelo sexual na publicidade de produtos os mais diversos. Vivemos em um mundo de sexo e somos obrigados a falar dele. A espetacularização da sexualidade e a aparente abertura dos costumes não significam, contudo, que estejamos diante do fim da “obscenidade”. O sexo existe *em-cena*, em meio a constrangimentos e controvérsias. A pornografia permanece entre discursos e juízos de valor, entre jogos de verdade e regulamentações, continuando a marcar uma tensão entre o nominável e o inominável, habitando fronteiras movediças entre o que se considera “bom” ou “ruim”.

Este livro expõe justamente essas tensões, retratando um universo complexo que se movimenta entre a discricção e o escândalo. E que pode ser chocante em alguns aspectos e prosaico em outros, por transitar entre o limiar da transgressão e o do conservadorismo. São universos comumente associados a pessoas desviantes, corruptas e perversas que penetram em outras redes ligadas ao mercado do sexo – por exemplo, a da prostituição – vistas também como “poluídas”.

Apresento aqui os resultados de pesquisa que realizei, de agosto de 2006 a dezembro de 2007, em São Paulo – cidade que concentra o maior número de produtoras e distribuidoras de material pornô no Brasil. Nessa temporada, aproximei-me de cinco empresas, todas de caráter legal, que elaboram filmes de tipo heterossexual, gay e travesti protagonizados por pessoas com mais de 18 anos que se encaixam nos padrões de beleza socialmente aceitos e desempenham práticas sexuais consentidas. Assim, não trabalhei com filmes que incidem na ilegalidade (necrofilia e pedofilia), nem com os considerados *bizarros* no mercado pornô, nem com a filmografia conhecida como *sadomasoquista*.

A pesquisa não teve como base a análise de uma comunidade ou grupo. Consistiu no estudo das redes que conformam esse universo, pois o pornô se constitui a partir de um conjunto de microrredes relacionais caracterizadas pela heterogeneidade. Nelas, as pessoas permanecem em constante trânsito, participando por motivos diversos, com níveis de engajamento diferenciados e nem sempre prosseguindo na carreira.

Descrevo aqui o modo como a produção de filmes pornô se organiza social e coletivamente, quais as etapas empreendidas para a sua elaboração,

quais as pessoas envolvidas na atividade e como elas interagem. Inspiro-me nos estudos do sociólogo americano Howard S. Becker sobre o mundo artístico em que ele utiliza o conceito de *ação coletiva* para analisar todas as etapas de produção e divulgação de uma obra de arte. Considerando, como ele, ação coletiva uma “ação coordenada de todas as pessoas cuja cooperação é necessária para que o trabalho seja realizado da forma que é”,² analiso o que convencionei chamar de *redes do pornô* para englobar os vários integrantes desse universo: atores, atrizes, criadores, produtores, diretores, assistentes, fornecedores, recrutadores, distribuidores; bem como motéis, ruas, boates, revistas, sites, saunas, clubes e casas noturnas. Parto do fato de que, para entender as atividades envolvidas na produção de pornô, é preciso olhar para seu entrecruzamento com outros tentáculos do mercado do sexo, e para os modos como as pessoas transitam por diferentes contextos da rede.

Esses trânsitos, além de nos permitirem avistar nuances sociológicas, morais e econômicas das redes do sexo, falam de trajetórias e retratam indivíduos que chegam ao pornô, muitas vezes compelidos pelo *acaso*, e que incorporam as ferramentas para o exercício de sua profissão. No caso paradigmático do elenco, as páginas seguintes procuram elucidar: como se aprende a ser atriz/ator pornô e como é ser atriz/ator pornô? Procuo a resposta a partir do exame dos rituais levados a cabo nos sets de filmagem para a gravação das cenas, o que envolve cuidados com o corpo e o aprendizado de técnicas performáticas.

Sexo e práticas sexuais serão fios condutores de toda a narrativa. A partir deles se origina, nessas redes, uma complexa gama de convenções sociais que posicionam os indivíduos diferencialmente dentro do coletivo. Ao redor do sexo, ou melhor, do tipo específico de sexo cenificado no pornô, constroem-se outras das principais questões deste livro: de que modo o dispositivo pornográfico produz corpos e prazeres? Quais os enunciados sobre sexualidade e posições de gênero elaborados por essa representação visual? Quais são os marcadores sociais de diferença que se evidenciam no pornô e como estes mudam conforme o filme seja gay, hétero ou travesti? Como o pornô coloca em cena normatividades e transgressões? Que se define como convenção e risco nessas performances e redes? Que tipo de sexo é esse?

O sexo pornô expressa as tensões entre aquilo que pode ou não ser considerado transgressor no território dos prazeres. Mas a transgressão, para quem integra esse universo, vai além das fronteiras do pornô. Como ela atravessa suas vidas em outros contextos? Quem são esses sujeitos para fora da rede? Busquei respostas em biografias que acabaram por revelar como, no âmbito doméstico, familiar e no terreno dos afetos, os indivíduos interagem e constroem suas subjetividades ao redor de moralidades, visões de mundo e estilos de vida diversos que nem sempre coincidem com seu cotidiano na pornografia.

O sexo do pornô anuncia, ainda, a problemática oposição entre conceitos fluidos: pornografia *versus* erotismo; ou erudito e artístico *versus* barato e descartável. Minha intenção não é elucidar a diferença entre erotismo e pornografia a partir de trabalhos históricos e de crítica, e sim procurar entender o que os integrantes das redes de produção pornô pensam a esse respeito.³ Entre eles existe a percepção de que seu trabalho é pornografia, devido à explicitação do sexo executado e mostrado nas representações, sendo por eles chamado de *hard* ou de *hard-core*⁴, nome atribuído pela indústria mundial em oposição à pornografia “suave” ou *soft-core*. Por outro lado, essas mesmas pessoas elaboram discursos sobre seu trabalho, chamando-o, contextual e estrategicamente, de *erótico* ou *adulto*, distinções que recorrentemente são feitas com o intuito de se fugir do estigma. Meu objetivo é entender os imaginários que os indivíduos que fazem pornô têm sobre sua ocupação e analisar a produção desses filmes a partir dos valores e do ideário que regem as interações cotidianas dessas pessoas.

Preliminares, transa e consumação são as etapas básicas de uma cena pornô e, certamente, correspondem à sequência de grande parte dos encontros sexuais interpessoais. Neste livro, essa equação será utilizada como modelo para descrever e analisar o processo de produção de filmes pornô. No capítulo “Preliminares”, teremos o recrutamento de elenco, o *casting*, a preparação para a cena, os rituais prévios à filmagem. Em “Transa”, o protagonismo será dado ao próprio sexo interpretado nessas performances. E, finalmente, na “Consumação”, a ênfase se voltará para a ejaculação, imagem *mainstream* por excelência, assim como para as etapas de pós-produção e distribuição de um filme.⁵